

análise que este autor faz da carta apostólica *Ad tuendam fidem* (1998), a propósito das aí chamadas «verdades definitivas», impostas como infalíveis apesar de não terem sido objeto de uma declaração solene ou «*ex cathedra*» (pp. 99-104).

Em geral, diria que este livro oferece a professores e estudantes, com fidelidade de captação e ao mesmo tempo com atitude crítica, um excelente compêndio do pensamento dos autores estudados, na linha da respetiva teologia fundamental. Apenas uma pequena nota de reparo: o autor deixa a impressão de não ser bom conhecedor da língua latina, quando, p. ex., na p. 9, escreve *similitude* (onde seria *similitudine*); e que melhor ficaria em grafia itálica. Enriquecedora seria também a apresentação de uma bibliografia final, que não existe.

JORGE COUTINHO

BENEDICTO XVI, **La alegría de la fe**, col. «Testigos», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2012, 144 p., 135 x 210, ISBN 978-84-285-3986-29.

Este livro recolhe um conjunto de homilias, catequeses e discursos de Bento XVI, procurando com estes elementos proporcionar uma compreensão das verdades essenciais da nossa fé cristã enunciadas no *Credo*. Com a clareza típica do grande papa teólogo, e também com a orientação da exposição para iluminar os caminhos da vida no tempo presente, como é próprio do pastor, ao longo das suas páginas é exposta, embora resumidamente, a doutrina referente a Deus Pai e à sua obra de criação; a Jesus Cristo, revelador do Pai, que foi o amigo dos pobres e da pás, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressuscitou ao terceiro dia; subiu ao Céu e está sentado à direita

do Pai; cujo reino não terá fim; ao Espírito Santo, Senhor que dá a vida, que falou pelos profetas, dá vida e alento à Igreja e à vida cristã; à Igreja: fundada sobre os apóstolos; uma, santa, católica e apostólica; comunidade da Eucaristia e sujeito de missão; à Vigem Maria, cheia de graça, mãe de Deus, mãe da Igreja e estrela da esperança; aos sacramentos, com relevo para o seu simbolismo, o seu papel na iniciação cristã, a Eucaristia, o sacramento da misericórdia e o viático dos enfermos; enfim, a doutrina referente à vida eterna.

Um excelente livro para ler, meditar e recomendar, na oportunidade do Ano da Fé que se aproxima. Um ano que, como realça o compilador Giuliano Vigini, será uma oportunidade para um novo alento na «nova evangelização» face a um mundo marcado pelo eclipse de Deus, pelo secularismo e o relativismo, enfim, pela cisão entre o Evangelho e a cultura.

LUÍS SALGADO

SAGRADA ESCRITURA

TRIPLET-HITOTO, Valérie, **Mystères et connaissances cachés à Qumrân. Dt 29,28 à la lumière des manuscrits de la mer Morte**, coll. « L'Écriture de la Bible » 1, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2011, 392 p. 235 x 155, ISBN 978-2-204-09363-7.

A autora deste estudo, como sugere no título e subtítulo, procede a um aturado estudo dos manuscritos de Qumrân, tendo como referência de fundo o versículo do Deuteronomio que diz: «As coisas ocultas são para Yaveh nosso Deus, e as coisas reveladas são para nós e para os nossos filhos, para que ponhamos em prática todas

as palavras desta Lei» (Dt 29,28). Titular da cadeira de História do Judaísmo na Época Helenística e Romana na École Pratique des Hautes Études, Valérie Triplet-Hitoto procura, à luz das descobertas de Qumrân, ir no encalce da compreensão daquele intrigante versículo. Que coisas ocultas? Definitivamente ocultas ou destinadas a alguma revelação?

O seu estudo divide-se em três partes. A primeira leva por título «A revelação das coisas ocultas e dos mistérios: que conteúdo?». A autora detém-se aí na pesquisa, muito minuciosa e documentada, sobre os dois temas em questão tal como aparecem na Bíblia hebraica e na literatura judaica antiga, para, em seguida, fazer pesquisa semelhante nos manuscritos de Qumrân: a parte oculta da Lei, a revelação das coisas ocultas da mesma Lei, as coisas ocultas enquanto iniquidades; os mistérios do plano divino, os mistérios dos eleitos, os mistérios do mal, o mistério do que está para vir. Em modo de síntese, faz a ligação dos dados bíblicos e literários judaicos aos textos de Qumrân. Na segunda parte – «Os meios da revelação das coisas ocultas e dos mistérios: conselho divino e livros celestes» – estuda minuciosamente, em primeiro lugar, o «conselho divino». Primeiro, tal como se apresenta na Bíblia hebraica e na literatura judaica antiga. Em seguida, tal como aparece nos manuscritos do Mar Morto. Faz depois o mesmo em relação aos «livros celestes». Termina esta parte com uma abordagem às diferentes facetas da revelação em Qumrân. Na terceira parte, Valérie Triplet-Hitoto procede a uma confrontação das coisas ocultas e dos mistérios de Qumrân com o Novo Testamento e com o judaísmo rabínico. Abre perspectivas sobre a interpretação comunitária de Dt 29,28, quer no judaísmo rabínico quer no judaísmo de expressão grega (Setenta, Filão) quer no NT, acabando

do por apontar algumas linhas exegéticas para as «coisas ocultas». Relaciona as coisas ocultas e as coisas reveladas com a dupla: lei escrita e lei oral. Finalmente, estuda a legitimidade do conhecimento das coisas ocultas e dos mistérios, quer em relação ao seu conteúdo quer em relação aos meios da sua revelação.

O volume é enriquecido com um tríplice índice dos lugares citados, quer como fontes primárias (literatura bíblica e parabíblica e manuscritos do Mar Morto) quer como fontes secundárias (autores) e com uma bibliografia de quase vinte páginas.

JORGE COUTINHO

ASURMENDI, Jesús, **Du non-sens. L'Ecclésiaste**, coll. « Lectio divina », Les Éditions du Cerf (www.editions-ducerf.fr), Paris, 2012, 204 p. 215 x 135, ISBN 978-2-204-09608-9.

No conjunto dos livros da Bíblia, o de Coeleth ou Eclesiastes dá toda a impressão de estar a mais. Com a sua visão pessimista da vida, aparentemente numa espécie de existencialismo «fechado», parece não dar qualquer lugar àquela virtude fundamental do existir próprio do crente, que é a esperança. E todavia o que ele realça é algo da ordem de uma ideia que um dia li num texto de Jean Daniélou: o pior inimigo da esperança é o otimismo. No fundo, é esta ideia que preside à interpretação de Jesús Asurmendi (professor de exegese no Instituto Católico de Paris), que não hesita em «escandalizar» ao resumir o seu sentido essencial com o termo, de cariz existencialista, «sem-sentido» (*non-sens*), termo que lhe parece bem mais adequado que o tradicional «vaidade» («Vaidade das vaidades, [...] tudo [na vida] é vaidade»: 1, 2).